

Saudade dos meus superamigos

O retrato de um amor inesquecível
feito por um amigo da família

POR KEN REGAN; CONFORME
CONTADO A ALANNA NASH

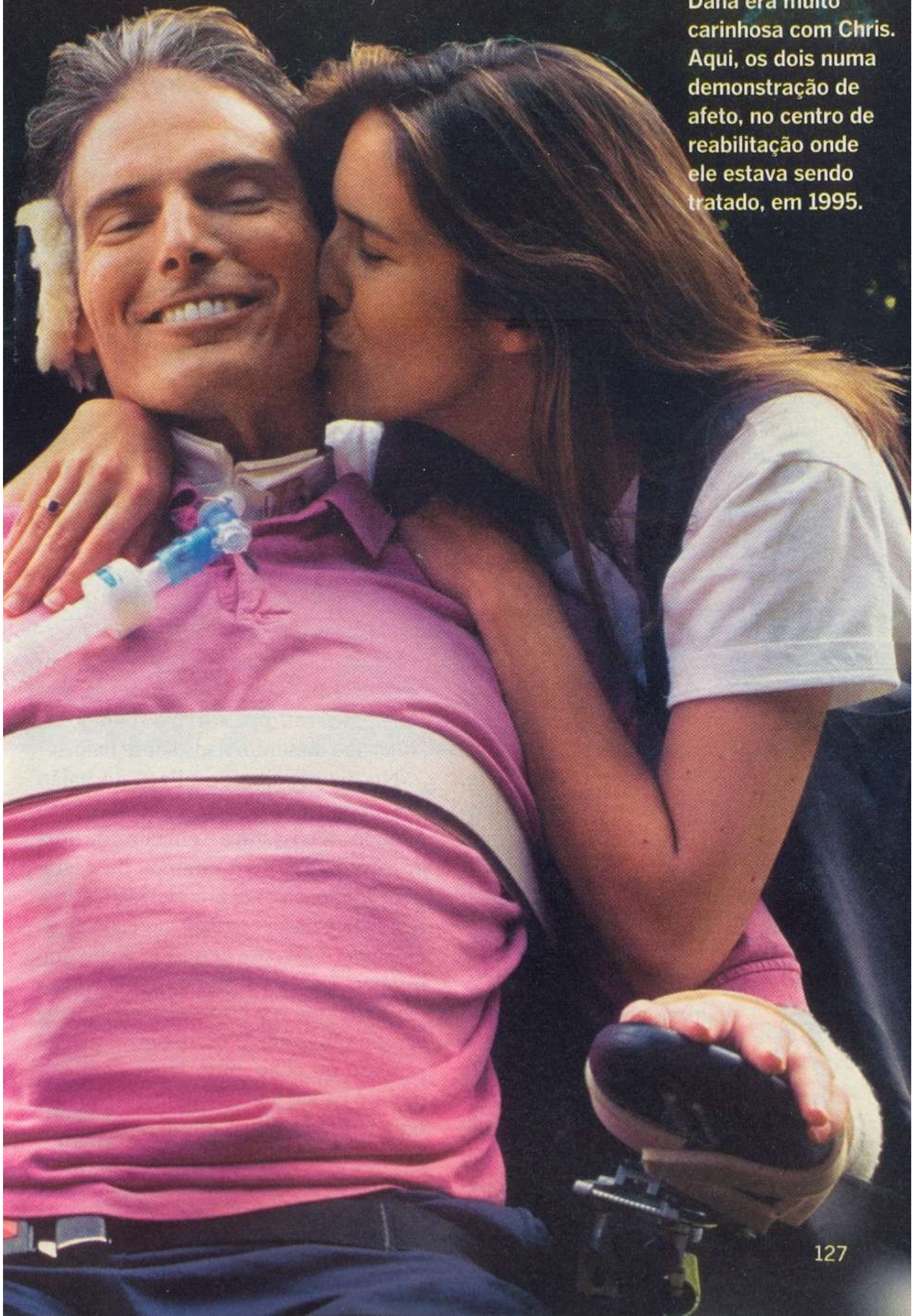
CONHECI CHRISTOPHER Reeve quando ele estava prestes a se tornar mais rápido do que uma bala de revólver, mais forte do que uma locomotiva, capaz de saltar sobre arranha-céus com um único pulo. Era 1977. Ele tinha

25 anos e estava filmando *Superman - O filme*, o que faria dele um ícone americano. Eu era fotógrafo de celebridades para revistas e também fazia a fotografia de filmes. Trabalhando com o Super-Homem, acabei gostando desse ator alto e robusto. Ele e eu nos encontramos para jantar certa noite, mas eu não tinha a menor idéia, naquele momento, do impacto que isso teria em minha vida.

FOTOGRAFADO POR KEN REGAN



Dana era muito carinhosa com Chris. Aqui, os dois numa demonstração de afeto, no centro de reabilitação onde ele estava sendo tratado, em 1995.



No ano seguinte, quando *Superman* foi lançado, fui designado para fazer as fotos de uma matéria sobre ele durante cinco dias. Chris era ótimo de se trabalhar – despretensioso e divertido. Quando apareceu depois em minha casa para um churrasco, meus amigos não conseguiam acreditar que Christopher Reeve, o Super-Homem, estivesse ali!

Tínhamos muitos interesses em comum: esportes, literatura, filmes, peças de teatro e televisão. Ele tinha curiosidade sobre o meu trabalho, porque, além de fotografar filmes, eu cobria guerras e eventos mundiais. Mas o que realmente nos unia era o fato de Chris confiar em mim. Ele sabia que eu nunca liberaria uma foto dele sem a sua autorização.

Em 1980, *Superman II – A aventura continua* foi lançado e fui novamente encarregado de fazer as fotos dele. Nessa época, Chris teve um filho, Matthew, com Gae Exton, que dirigia uma agência de modelos. Dois anos depois nasceu sua filha Alexandra. Conheci bem a família de Chris, partilhando períodos de férias ou de lazer com eles.

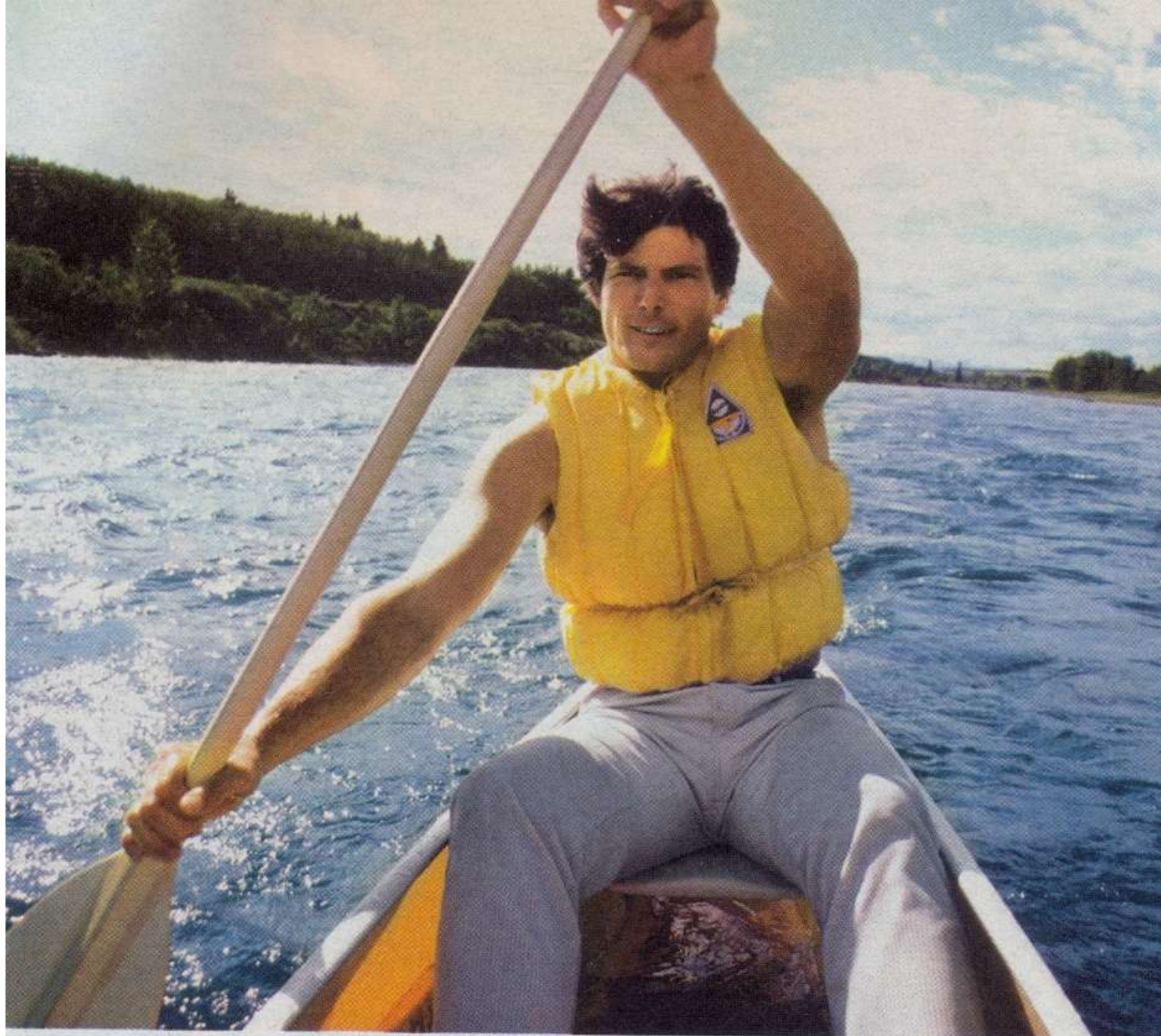
A WARNER BROS. me mandou ao oeste do Canadá para as filmagens de *Superman III*. Enquanto explorava as locações, tive a oportunidade de velejar e descer corredeiras com Chris. Tive a idéia de uma foto espetacular e perguntei a Chris se ele tinha



Regan (acima) fotografou Chris no Live Aid, em 1985, e fazendo canoagem durante as filmagens de *Superman III*.

andado de balão. “Sempre quis fazer isso, mas meu contrato diz que enquanto eu estiver fazendo o Super-Homem não posso voar nem no meu avião”, disse ele. Fez uma pausa, depois disparou um sorriso malicioso. “Mas não disseram nada sobre balões!”

No dia seguinte, o piloto do balão nos pegou tarde. O céu estava negro quando aterrissamos – em cima de uma árvore! Chris e eu voamos da cesta. Atordoados, chamei por ele. Não houve resposta. Pensei comigo: *matei o Super-Homem...* Ouvi um gemido. “Acho que quebrei todos os meus ossos”, disse ele, com uma voz horrível. Corri o mais rápido que pude e o encontrei esparramado no chão, num lugar banhado por um pálido luar. Quando me ajoelhei para ajudá-lo, Chris olhou para cima e começou a rir histericamente. Tive vontade de dar um soco nele – meu amigo estava ótimo.



Foi muito triste quando Chris e Gae se separaram em 1987. Estavam juntos havia 10 anos. Ele ficou abalado, e também preocupado com os filhos, cuja guarda ele e Gae passaram a dividir. Em seguida, naquele verão, Chris conheceu Dana Morosini.

Ela cantava numa boate. Depois do primeiro encontro, Chris me disse que Dana era a pessoa por quem ele havia procurado a vida toda. Quando a conheci no dia seguinte, perguntei a Chris “Ela tem uma irmã?” Era linda e divertida – e dava o melhor dos abraços.

Casaram-se em 1992, e depois do nascimento do filho, Will, a família se

mudou para Nova York. Eu costumava visitá-los, quando a caminho de minha casa de veraneio. A vida deles parecia perfeita. Mas, em maio de 1995, tudo desmoronou. Chris sofreu um acidente enquanto cavalgava e lesionou a medula espinal. Ficou paralisado do pescoço para baixo.

Dois meses mais tarde, depois de Chris ser transferido para um centro de reabilitação, Dana me ligou. “Chris quer que você venha até aqui”, disse ela. “Traga a câmera.”

Quando vi meu amigo paralisado, foi quase impossível não chorar na frente dele. Era difícil para Chris falar



naquela época, mas ele deixou claro que queria que o fotografasse para um livro que estava planejando.

Chris se preocupava em ser um fardo para Dana. Quando expôs a ela os seus sentimentos, Dana respondeu: “Eu amo você, e você ainda é o mesmo.”

Acho que o único motivo pelo qual Chris não desligou a máquina que o mantinha vivo foi o amor de Dana e a certeza dela de que poderiam construir

juntos uma vida. Quando Chris voltou para casa, Dana se tornou mais do que sua mulher, amante e mãe de seu filho: era enfermeira, motorista, fisioterapeuta, tudo. Tomava conta dele 24 horas por dia, alimentando-o, ajudando-o a assoar o nariz – e sempre com alegria. E conservava o senso de humor. Uma noite, enquanto faziam um churrasco em casa, Dana, agarrando uma espiga de milho, anunciou “Vejam o

Descontração em família: Dana, Chris, e o filho do casal, Will, vestido de Super-Homem, em 1996.

‘tubarão’ em ação!” Segurou a espiga na frente de Chris, e ele a devorou em dois segundos! Certa vez, enquanto eu fazia uma sessão de fotos para uma revista feminina, Dana colocou sua perna por cima dele. “Vamos tornar isso um pouco mais picante”, disse ela.

Sou filho único, e meu pai morreu quando eu tinha 2 anos. Ver o Chris e a Dana mostrarem a Will o quanto eles o amavam me fez querer ter tido pais como aqueles. Chris assistia aos jogos de *hockey* de Will e isso era um martírio. Eles o ligavam às máquinas, transportavam-no numa *van* especialmente equipada, e Dana o agasalhava bem, porque sua temperatura corporal não podia descer abaixo de um certo ponto. Tudo valia a pena para Chris. Quando Will marcava um ponto, o rosto do pai parecia uma daquelas carinhas amarelas sorridentes, ampliada dez vezes.

Ele criou a Christopher Reeve Foundation para descobrir a cura da lesão espinal, e angariou mais de 65 milhões de dólares. Iniciou sua luta política para apressar as pesquisas com células-tronco, na esperança de reverter a

paralisia, e viajou o mundo para conhecer os avanços científicos.

Chris jamais perdeu a esperança de andar de novo, embora continuasse a enfrentar contratempos. No verão de 2004, enquanto estava em Nova Orleans dirigindo um filme para a TV sobre um adolescente tetraplégico, precisou ser hospitalizado. Uma das escaras que o acometiam infeccionara e estava comprometendo o seu sistema imunológico. Quando teve alta, convidou-me para jantar. “Está uma noite tão bonita, vamos caminhar”, disse ele.

Dana empurrava Chris pelas ruas e o trânsito parava para ele. As pessoas saíam dos carros, gritavam: “Bem-vindos a Nova Orleans!” Jamais imaginei que essa seria a última vez que veria ele e Dana juntos.

Em 25 de setembro de 2004, Chris festejou seu 52º aniversário. Quinze dias depois, uma infecção generalizada parou o seu coração. Arrasado, encontrei Dana; apenas nos abraçamos e choramos por longo tempo.

Dana se tornou presidente da fundação e continuou a luta pela pesquisa com células-tronco. Também começou a carreira de atriz e cantora.

Geralmente eu passava pela casa dela para ver se estava bem. Em junho de 2005, ela ligou, ansiosa para me contar que conseguira trabalho numa boate em Nova York e precisava de fotos para os cartazes de divulgação. Veio ao meu estúdio e, meu Deus, estava linda. Fotografamos o dia todo. Seu entusiasmo era contagiante, embora não se sentisse bem. Tossia muito

e justificou: “Peguei um resfriado e não consigo me livrar dele.” Duas semanas depois, ainda tossia. Eu disse, “Dana, você precisa ir ao médico”, e ela respondeu que tinha uma consulta marcada.

No mês seguinte, ela me contou que tinha câncer de pulmão. Fiquei mudo. “Não se preocupe”, ela disse. “Eu nunca fumei um cigarro e descobrimos a doença bem no início. Provavelmente em seis ou sete meses ficarei curada.”

Em fevereiro de 2005, quatro meses depois da morte de Chris, Dana perdeu a mãe após uma cirurgia de câncer de ovário. Em novembro daquele ano, enquanto a visitava no feriado de Ação de Graças, seu pai sofreu um derrame. Parecia injusto, todas as vezes que algo terrível acontecia a essa pessoa tão linda e generosa.

Dana ligou no início de janeiro para dizer que cantaria no Madison Square Garden em homenagem a Mark Messier, que estava se aposentando dos Rangers. Assisti pela televisão e pensei: *Ela está vencendo o câncer!*

Três semanas depois, ela piorou.

Pelo telefone, o filho mais velho de Chris, Matthew, foi franco comigo. “Ela está no hospital, Ken”, disse. “Não acho que vá sair dessa.” Uma semana depois, Dana morreu, em 6 de março de 2006, aos 44 anos.

Existe alguém lá em cima que deixa isso acontecer a duas pessoas que não mereciam? Mas eu tinha a sensação de que Dana fora chamada para estar com Chris.

Alguns meses antes de sua morte, Dana gravou uma introdução para um documentário da rede de televisão pública PBS, chamado *The new medicine* (A nova medicina). Dizia aos telespectadores: “Durante anos, meu marido e eu vivemos da esperança – e por causa dela. É ainda a esperança que me dá a força para prosseguir.”

A esperança também me deu forças. Como repórter fotográfico, levo uma vida maravilhosa, viajando pelo mundo e conhecendo as pessoas que são notícia em nossa época. Mas uma das melhores experiências que vivi foi ter me tornado amigo íntimo de Chris e duplicar isso ao conhecer também Dana.

FILOSOFIA FEIJÃO-COM-ARROZ

- Se não puder ajudar, atrapalhe. Afinal, o importante é participar.
 - Errar é humano. Colocar a culpa em alguém é estratégico.
 - Converse com um saco de cimento. Nessa vida, só devemos acreditar naquilo que um dia pode ser concreto.
 - Os homens mentiriam muito menos se as mulheres fizessem menos perguntas.



ELLIN DE SOUZA, Recife (PE)